

UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM EDUCAÇÃO

FELIPE SANTOS DE OLIVEIRA

PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA A SENSIBILIZAÇÃO DA GRAVIDEZ PRECOCE

LAGES

2018

FELIPE SANTOS DE OLIVEIRA

PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA A SENSIBILIZAÇÃO DA GRAVIDEZ PRECOCE

Trabalho de Conclusão de Curso vinculado ao Curso de Especialização em Educação da Universidade do Planalto Catarinense, apresentado à disciplina Seminário de Metodologia da Pesquisa.

Orientadora: Madalena Pereira da Silva, Dra.

Linha de pesquisa: Educação, Cultura e Políticas Públicas.

LAGES

2018

RESUMO

A gravidez precoce é motivo de preocupação entre as famílias e escola, pois muitas adolescentes, por ocasião da gravidez acabam abrindo mão ou mesmo adiando projetos de vida. Em muitos casos, as jovens abandonam os estudos, sem retorno ao ambiente escolar. Preocupados com esta questão e visando descobrir os projetos de vida e sentimentos de jovens, incluindo jovens que passaram ou estão em estado gestacional precoce, neste trabalho foram utilizadas tecnologias sociais como práticas educativas para sensibilizar os jovens das consequências da gravidez precoce (meninos e meninas). O trabalho, utiliza como metodologia a pesquisa-ação, com um grupo de estudantes de uma rede pública de ensino, através de uma conversa com meninas e com perguntas já pré-elaboradas buscamos entender quais dificuldades esses jovens realmente passam com essa nova fase, e o que os motivou a serem pais tão jovens.

Palavras-chave: gravidez precoce; escola; práticas educativas; tecnologias sociais.

SUMÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO	5
1.1 Praticas educativas para a sensibilização da gravidez precoce	5
1.2 Pesquisadores	5
1.3 Local da Realização da Pesquisa	5
1.4 Público-alvo	5
1.5 Período de execução	5
1.6 Objetivos da proposta	5
2 JUSTIFICATIVA	5
3 METODOLOGIA	7
4 RESULTADOS	9
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	11
REFERÊNCIAS	12

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Práticas educativas para a sensibilização da gravidez precoce

1.2 Pesquisadores

Pós-Graduando: Felipe Santos de Oliveira

Orientadora: Madalena Pereira da Silva, Dra.

1.3 Local da Realização da Pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede pública de ensino da cidade de Lages.

1.4 Público-alvo

Alunos do segundo ano do ensino médio.

1.5 Período de execução

Agosto a novembro de 2018.

1.6 Objetivos da proposta

Proporcionar reflexões e discussões sobre as consequências da gravidez precoce, através de uma linguagem acessível e de fácil entendimento ao público alvo.

2 JUSTIFICATIVA

A OMS (Organização Mundial de Saúde) define a adolescência como uma fase do desenvolvimento humano compreendida entre 10 e 19 anos, critério também adotado no Brasil, pelo Ministério da Saúde (2006) e pelo IBGE.

Segundo Lima (2012), a “adolescência” é, ainda, um termo geralmente utilizado em um contexto de desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, sendo determinado por fatores genéticos e ambientais. “Adolescer é uma época rica em manifestações emocionais, caracterizadas pela ambiguidade de papéis (infantil/adulto), pela mudança de valores e por dificuldades frente à busca de independência pela vida” (ALMEIDA, 2007 apud MACHADO, 2012).

A gravidez na adolescência traz consigo ainda uma gama de riscos inerentes à imaturidade do organismo materno, podendo causar graves problemas de gestação, como o aborto, anemia, distocias de parto e hipertensão arterial específica da gravidez. Repercute, ainda, a fatores como menor escolaridade materna, maior tendência à construção de famílias numerosas e de separações. “Gestantes adolescentes também mostram maior frequência de hábitos de fumo e drogas ilícitas na gestação” (GAMA et al, 2002). Felizmente todas afirmam que o período gestacional foi tranquilo, geralmente a família é o único apoio e claro que, poder contar com eles nesse momento tão difícil é indispensável. A ajuda em momentos como esse pode definir se a adolescente continua com a gestação (em caso de estupro), permanece estudando, se busca acompanhamento pré-natal para diminuir os índices de mortalidade infantil e materna.

Em casos de gravidez decorrente de ato involuntário está assegurado por lei no art. 128 do código penal que fica a escolha da mulher ou responsável em caso de incapaz, se quer ou não prosseguir com a gestação. Em 2014, o Brasil registrou ao menos 47.646 estupros, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, usando dados das secretarias de Segurança dos Estados, mas essa informação não é precisa já que grande parte dos casos não é registrada por medo de represálias, vergonha, etc. Dados de 2011 mostram que o país teve 2.913.160 nascimentos, sendo 533.103 nascidos de meninas com idade entre 15 e 19 anos e 27.785 nascidos de meninas de 10 e 14 anos. Vale salientar ainda que cerca de 30% das meninas que engravidam na adolescência acabam tendo outro filho no primeiro ano pós-parto. O sofrimento decorrente de casos como esses, muitas vezes é enfrentado em silêncio e quando uma das consequências é a gravidez, as meninas têm o direito de optar por continuar ou não com a gestação. Em uma gravidez a mulher doa seu corpo atenção e carinho, mas ao se encontrar nessa situação de uma forma horrorosa é difícil existir o afeto.

O desenvolvimento psicológico ocorre após o orgânico, o que pode conduzir a adolescente à maturidade reprodutiva, sem ainda ter amadurecimento emocional para administrar o próprio corpo e lidar com a sua sexualidade, como defendido por Manfré (2011). Os traumas deixados pelo estupro como hematomas passam com o passar do tempo, mas o trauma psicológico pode destruir com a vida das mulheres. Uma das entrevistadas relatou que sua prima sofreu um abuso aos 15 anos e acabou engravidando, sua mãe resolveu que a apoiaria na criação da criança, não incentivando o aborto, como resultado de um parto muito complicado e o não reconhecimento do filho, a menina desenvolveu uma depressão muito forte e sofre com problemas psicológicos. Muitos casos deste tipo de violência, podem

estar atrelados a famílias em situação de vulnerabilidade social, que integra a gestação na adolescência e, como citado por Ferreira (2012), inclui mães com menos de oito anos de estudo e sem ocupação ou com ocupação que exige apenas o nível fundamental, os quais coincidem com os fatores que permeiam a morbimortalidade infantil. Entre as meninas que participaram da pesquisa uma concluiu ensino médio em escola particular e durante sua graduação teve que abandonar o curso superior que havia iniciado e não conseguiu retornar mais. As demais estudaram em escola pública, porém durante a gravidez desistiram de estudar, o que mais tarde acarretou em grande prejuízo financeiro, pois para entrar no mercado de trabalho sem qualificação é difícil e geralmente quando conseguem, os cargos que lhes restam têm remuneração baixa, e isto acarretou inclusive, exclusão social.

A Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde, conduzida em 2006, mostrou uma relação inversa entre o nível de escolaridade e a ocorrência de gravidez na adolescência que declinou de 40,7% entre as adolescentes não letradas para praticamente zero entre as que tinham 12 ou mais anos de estudo. A maternidade precoce pode dificultar o desenvolvimento educacional e social da adolescente e, como resultado, “observa-se uma taxa maior de evasão escolar, desajustes familiares e dificuldade de inserção no mercado de trabalho” (MANFRÉ, 2011). Por preconceito ou questões culturais sabemos que o diálogo sobre DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis) ou prevenção sexual nem sempre é fácil entre pais e filhos, e afirmar que por falta de diálogo se justifica a gravidez indesejada como muito se vem sendo dito já não é tão aceitável, pois atualmente os recursos de acesso a informação e os frequentes trabalhos de conscientização da área da saúde estão sendo feitos.

Com base nesses achados na literatura e com a colaboração dos professores e alunos da escola campo, este trabalho se propõe aplicar tecnologias sociais como práticas educativas para a sensibilização e reflexão sobre as consequências da gravidez precoce.

3 METODOLOGIA

Este trabalho teve por objetivo a exploração e reflexão sobre a gravidez precoce em jovens no período escolar. A pesquisa-ação foi amparada por entrevistas e roda de conversa com alunos e professores de uma escola da rede regular de ensino. Temas como sexualidade e prevenção de gravidez não estão inseridas no currículo da escola, embora os Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCNs) deixem claro que estes conteúdos devem ser trabalhados. Como tema transversal é de responsabilidade de todos os professores abordarem o mesmo, não importando a disciplina que ministrem. De acordo com os PCNs (1998, p. 316):

Informar é importante, mas não suficiente para mudar comportamentos. Os preconceitos impedem a utilização de informações, a adoção de comportamentos preventivos, o exercício da liberdade e relacionamento de igualdade entre os gêneros. Por isso, muitos adolescentes encontram dificuldade em processar os conhecimentos recebidos; outros, devido a medos e conflitos, não conseguem utilizá-los adequadamente.

Na pesquisa-ação foram apresentados dados de casos reais; estatísticas de evasão escolar por conta da gravidez precoce e consequências para saúde. Para isso foram utilizadas tecnologias sociais como práticas educativas na tentativa de sensibilizar quanto aos cuidados da gravidez precoce. As tecnologias adotadas consistiram no uso de vídeos, infográficos, rodas de conversas e inserção de casos reais.

[...] a construção do conhecimento apoia-se, de maneira primordial, no uso de um amplo conjunto de instrumentos simbólicos e na interação com outras pessoas, graças aos quais os seres humanos podem ter acesso aos significados culturais do seu grupo social. Entre estes instrumentos simbólicos de mediação, a linguagem ocupa um lugar privilegiado devido à sua dupla função representativa e comunicativa. Esta dupla função possibilita que as pessoas possam, através da linguagem, tornar públicas, comparar, negociar e, finalmente, modificar as suas representações da realidade no transcurso das relações que mantêm com outras pessoas, o que transforma a linguagem em ferramenta essencial para a construção do conhecimento. (COLL; EDWARDS, 1998, p. 79).

Os dados e informações apresentados foram sintetizados com base em referenciais teóricos e portais de dados abertos que disponibilizam essas informações. Essas informações foram usadas para o planejamento da seleção dos recursos usados (vídeos, infográficos, casos reais) como práticas educativas na roda de conversa.

A pesquisa-ação foi realizada em três etapas. A primeira consistiu de entrevistas com professores para saber se a temática era oportuna e se a escola tinha interesse na realização da realização da mesma como prática educativa.

A segunda etapa consistiu em entrevistas com adolescentes que vivenciaram a gravidez precoce. A terceira etapa, realizada com os alunos, consistiu na ação reflexiva e conscientização das consequências da gravidez precoce, utilizando vídeo e roda de conversa, esclarecendo dúvidas e explicando sobre possíveis causas e consequências.

O grande desafio da escola hoje é sem dúvida conquistar a atenção e a motivação da criança e o jovem para o estudo. Principalmente o jovem, que, nessa fase, se torna naturalmente atraído por muitas outras coisas. Afinal, é uma fase de grandes transformações não só corporais, como vimos, mas também de grandes e importantes descobertas. (...) tudo parece (e é...) mais interessante, mais atraente, mais fascinante do que a escola. (ZAGURY, 1996, p. 55)

4 RESULTADOS

Em conversa com professores todos acreditam ser de suma importância falar sobre gravidez, já que todos afirmaram terem se deparado com essa situação em sala de aula. Na concepção dos professores, na grande maioria dos casos a evasão escolar é a primeira atitude das adolescentes. Muitos acreditam que a gravidez traz algumas limitações o que pode dificultar a realização de algumas atividades escolares, ocasionando a desistência das aulas.

Foram entrevistadas cinco adolescentes que engravidaram entre seus 16 e 18 anos, sendo possível perceber que todas, sem exceção, não queriam ou planejaram a gravidez. A falta de informação sobre a necessidade de se utilizar métodos contraceptivos nas relações sexuais, não parece ser o problema, pois apenas uma das entrevistadas afirmou que não havia diálogo sobre métodos contraceptivos e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, em sua família. Algumas pesquisas mostram que, entre adolescentes que engravidaram, muitas sabiam que corriam o risco de gravidez e que poderiam ter usado algum contraceptivo (DIAS e GOMES, 2000; GUIMARÃES e WITTER, 2007).

A gravidez na adolescência é uma realidade que abrange a todas as classes sociais, agravada pelas sequelas da estrutura familiar; considerado um problema social a ser encarado não só pela família, mas em todas as esferas da sociedade. Em alguns casos a gravidez precoce faz parte de um desejo, mas na maioria das vezes, é uma surpresa inesperada, que gera uma série de conflitos emocionais, instabilidade familiar, desvio da escola e afastamento do convívio social, uma série de consequências das quais os jovens não refletem quando decidem dar o primeiro passo para a vida sexual (BOCARDI, 2003). Segundo o relato das

jovens entrevistadas, os pais não tinham ensino fundamental completo, apenas um pai tinha ensino superior e outro cursou o nível técnico.

Uma das meninas entrevistadas afirmou já ter sofrido algum tipo de preconceito por engravidar com apenas 16 anos, relatando um episódio, ao responder que "... já tem um filho desde os 16 anos, recebeu como resposta: - começou cedo hein!". Atitudes como essa pode despertar sentimento de vergonha, tristeza, menosprezo.

[...] quando a atividade sexual tem como resultante a gravidez, gera consequências tardias e em longo prazo, tanto para a adolescente quanto para o recém-nascido. A adolescente poderá apresentar problemas de crescimento e desenvolvimento, emocionais e comportamentais, educacionais e de aprendizado, além de complicações da gravidez e problemas de parto. É por isso que alguns autores consideram a gravidez na adolescência como sendo uma das complicações da atividade sexual. (BALLONE, 2003, p. 79)

Todas afirmaram que sentiam falta das rotinas que tinham antes de serem mãe, como simplesmente ir à aula com as amigas, ou ir a festas. A gravidez em período escolar geralmente reflete negativamente na vida da mãe da criança, pois implica diretamente na chance de desistência da escola, o que diminui suas chances no mercado de trabalho.

Uma das entrevistadas reclamou não ter recebido apoio algum de sua família. Para a família a experiência de ter uma adolescente solteira e grávida, pode ser marcada por sentimentos diversificados, de alegria, surpresa, decepção, raiva, culpa e também questionamentos: Por que isso aconteceu? Onde foi que eu errei? Será que dei liberdade demais para minha filha? Será que não conversei suficientemente com ela? (DIAS e AQUINO, 2006).

Analisando as respostas identificamos que 60% das entrevistadas começaram a trabalhar tão logo quanto possível e as outras 40% ficaram dependendo da renda de seus pais até conseguirem o primeiro emprego, claro que foi uma das maiores dificuldades enfrentadas, além da imaturidade para lidar com a educação de seus filhos. Uma das respostas que mais nos chamou a atenção foi o fato de 100% das entrevistadas falarem que queriam ter mais um filho.

Para nossa ação, escolhemos uma turma do segundo ano do ensino médio de uma escola de ensino básico de Lages-SC, a maioria dos alunos tem entre 16 e 17 anos de idade. No dia ação tínhamos 15 alunos participando da roda de conversa, após uma breve apresentação mostramos um vídeo (<https://youtu.be/frTsHp-Sb9k>) que mostra algumas

meninas e familiares sendo entrevistados, seguimos para a conversa sobre o vídeo e todos ficaram surpresos com um caso do vídeo, onde aparece uma menina de apenas 11 anos grávida. Debates sobre o assunto e ao perguntar se a conversa tinha sido válida todos responderam que sim, um dos alunos falou... *“Muito importante por que tem meninas que tem medo de conversar com os pais e também algumas famílias não dão liberdade.”* Durante o período de transformações do corpo, o apoio dado às adolescentes é muito importante, para que elas tolerem as mudanças a que estão sujeitas e não se sintam vulneráveis às transformações biopsicossociais. Para tanto a família deve estar bem estruturada, a fim de não facilitar a ocorrência, comum entre as adolescentes, de violência, uso de drogas e gravidez precoce. (GODINHO, 2000).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa-ação, pudemos perceber que há muito a ser feito ainda nas escolas e que algumas famílias não dão a devida atenção para o assunto, descuidar da saúde dos filhos é quase que deixá-los a mercê da sorte, a juventude traz um sentimento de superioridade onde alguns acreditam ser imunes a doenças ou a serem pais ou mães.

Esta nova fase das adolescentes vem repleta de novidades que nem sempre lhes agradam, pois a alegria e liberdade começam a dar lugar a preocupação e incertezas, meninas que em outra hora eram cuidadas passam a ser cuidadoras na grande maioria das vezes, sem experiências de vida, mas ainda assim devem assumir novas responsabilidades. Com base nas entrevistas, em muitos casos, essa nova fase das adolescentes deixa marcas para o resto de suas vidas, desprezo de familiares, olhares de pessoas julgando-as e até mesmo o desprezo dos namorados como se não fossem igualmente responsáveis, enfim a essas meninas que de uma hora para outra se tornam mulheres só resta enfrentar a nova etapa da vida. Percebe-se ainda, na fala das meninas entrevistadas, atitudes de julgamento e reprovação, sendo indispensável que os profissionais e a própria escola se capacitem e criem espaços acolhedores, que possibilitem a reflexão e discussão dos temas, para uma abordagem humanizada na atenção aos adolescentes.

REFERÊNCIAS

- COELHO, E. A. C.; ANDRADE, M. L. S.; VITORIANO, L. V. T.; SOUZA, J. J.; SILVA, D. O.; GUSMÃO, M. E. N.; NASCIMENTO, E. R.; ALMEIDA, M. S (2012). **Associação entre gravidez não planejada e o contexto socioeconômico de mulheres em área da Estratégia Saúde da Família**. Acta Paul. Enferm. São Paulo, v. 25, n. 3, p. 415-422.
- COLL, César; EDWARDS, Derek (Porto Alegre: Artmed, 1998). **Ensino, aprendizagem e discurso em sala de aula: aproximações ao estudo do discurso educacional**; trad. Beatriz Affonso Neves.
- COMIN, C. P. **Sensibilização dos jovens sobre a importância prevenção da gestação precoce**. (2016).
- DIAS, A. C. G., & Gomes, W. B. (2000). **Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: Percepção de jovens gestantes**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 109-125.
- DIAS, A. B., & Aquino, E. M. L. (2006). **Maternidade e paternidade na adolescência: Algumas constatações em três cidades do Brasil**. *Cadernos de Saúde Pública*, 22, 1447-1458.
- FERREIRA, R. A.; FERRIANI, M. G. C.; MELLO, D. F.; CARVLHO, I. P.; CANO, M. A.; OLIVEIRA, L. A (2012). **Análise espacial da vulnerabilidade social da gravidez na adolescência**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 28, n. 2, p.313.
- GAMA, S. G. N.; SZWARCOWALD, C. L.; LEAL, M. C (2002). **Experiência de gravidez na adolescência, fatores associados e resultados perinatais entre puérperas de baixa renda**. *Cadernos de Saúde Pública*, v.18, p.153-61.
- LIMA, A. S.; OLIVEIRA, M. F. A. (2012) **Anticoncepção e Gravidez na Adolescência: Elaboração de um vídeo para os adolescentes**. *Revista Práxis*, v. 0, n.8.
- MANFRÉ, C. C.; QUEIRÓZ, S. G.; MATTHES, A. C. S.(2011) **Considerações atuais sobre gravidez na adolescência**. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v.5, n. 17, p.48.
- Ministério da Saúde (BR) (Brasília (DF), 2008); Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. **Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher-PNDS: 2006**.
- SIEGLOCH, A. E. **Estrutura espacial das comunidades de Ephemeroptera (Insecta) em riachos da Serra da Mantiqueira e Serra do Mar**, Estado de São Paulo. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2010.
- ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Record,1996.
- GODINHO RA, SCHELP JRB, PARADA CMGL, BERTONCELLO NMF. **Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio?** *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 2000.